

Construções nominais classificatórias em Parkatêjê

Nominal constructions classifiers in Parkatêjê

MARÍLIA DE NAZARÉ FERREIRA-SILVA*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)

RESUMO

Baseado em uma abordagem funcional, este trabalho apresenta as características da formação de alguns nomes em parkatêjê, descrevendo um conjunto de nomes da língua que ocorrem em compostos. Tais nomes imprimem nos compostos, dos quais passam a fazer parte, um significado específico relacionado a aspectos, como forma, tamanho e espessura. São nomes tomados como referência na língua. Alguns desses são inalienáveis, referentes a partes do corpo, utilizados em sentido metafórico. Outros não, como é o caso do nome farinha. Esse conjunto de nomes, embora funcione à maneira de classificadores, não apresenta a mesma extensão que tais formas usualmente têm.

PALAVRAS-CHAVE: Parkatêjê. Nomes compostos. Termos de classe. Classificadores.

*Sobre a autora ver página 22.

ABSTRACT

Based in a functional approach, this paper presents characteristics of some noun formation processes in Parkatêjê and describes a set of nouns from Parkatêjê language which occurs in compounds. Those nouns give an specific meaning to the compounds in which they participate, related to aspects like shape, size and thickness. They are reference nouns in the language. Some of them are inalienable, related to human body parts, used in a metaphoric sense. Others ones are not the same like the noun related to flour. That set of nouns, although occurring like classifiers, does not present the same extension as classifiers do.

KEYWORDS

Parkatêjê. Compound nouns. Class terms. Classifiers.

1 Introdução

Que as línguas humanas estejam estreitamente associadas às distintas culturas em que operam não é decerto nenhuma novidade. Lyons (1977, p. 203) afirma que “cada língua é integrada na cultura em que opera e sua estrutura lexical (bem como pelo menos parte da sua estrutura gramatical) reflete as distinções que são (ou foram) importantes na cultura”.

Deste modo a relação entre língua e cultura codifica inúmeros conceitos concebidos como reflexo do pensamento de um povo, espelhados na cultura e expressos por meio de sua língua. A descrição que um povo faz de um mundo resulta de sua visão acerca desse mundo, de sua construção e identidade cultural. Nesse contexto, os nomes são formas utilizadas para representar coisas que existem ou que ocorrem/ acontecem em um mundo. Ao se associar uma coisa a um nome, um povo faz representações, registrando propriedades atribuídas a essas coisas. Por exemplo, o verbo boiar (“andar em cima e à mercê da água”), em parkatêjê, é uma palavra composta por dois itens lexicais – o nome cabeça e o verbo ir. Boiar indica um estado no qual um corpo flutua imerso na água e, nessa língua, é literalmente “cabeça ir”. Por essa razão, os nomes contêm informações culturais importantes, que auxiliam a compreensão do mundo por meio da língua.

A utilização de noções corporais como forma de orientação locativo-espacial e de extensão de objetos em línguas humanas é um desses aspectos das representações que fazemos. A esse respeito, Langacker (2002) diz que certos povos tomam partes do corpo como referência à forma ou à função de objetos, utilizando essas noções com base em usos metafóricos.

Este trabalho pretende, por meio de uma abordagem de orientação funcionalista, descrever nomes compostos da língua parkatêjê que incluem nomes que ocorrem à maneira de um classificador nominal. A pesquisa bibliográfica que embasou a investigação é parcialmente apresentada, bem como a formação de alguns nomes por acréscimo de sufixos derivacionais. Além disso, apresenta-se uma lista de nomes do que parece constituir um sistema de classificação do reino animal, em que filhotes de determinados animais partilham a mesma denominação específica para o que parece ser uma subclasse. As questões abordadas são ilustradas com base nos dados coletados por Ferreira ao longo de uma década de estudo da língua em questão. A análise aqui apresentada fundamenta-se em Ferreira (2003) e contém pontos em comum com a análise empreendida por Araújo (1989), muito embora o tratamento dos dados tenha sido distinto dessa última abordagem, no sentido de se constituir como uma ampliação do que foi desenvolvido.

2 Características morfológicas e descrição da formação de nomes na língua Parkatêjê

A língua parkatêjê é falada por uma comunidade indígena que se autodenomina do mesmo modo. Essa comunidade está localizada no sudeste do estado do Pará, no município de Bom Jesus do Tocantins. Atualmente é falada apenas pelos mais velhos, não sendo mais aprendida pelas crianças como língua materna, o que, entre outros fatores sociopolíticos também relevantes, faz dela uma língua em perigo de desaparecimento.

Até o final da década passada, dois grupos de remanescentes dos povos timbira que viviam na região sudeste do estado do Pará partilhavam a mesma aldeia. Atualmente o povo que habitava a Terra Indígena Mãe

Maria se dividiu, lá permanecendo aqueles que se denominam parkatêjê. Na aldeia do km 25 – como eles próprios costumam falar – estão aqueles que se autodenominam kyjkatêjê. Embora esses povos façam questão de apresentar-se, inclusive e principalmente, como distintos de uma perspectiva linguística, pode-se afirmar que as línguas apresentam muita semelhança estrutural, podendo ser consideradas como dialetos de uma mesma língua.

Trata-se de uma língua considerada parte do Complexo Dialetal Timbira, conforme Rodrigues (1999), da família Jê, agrupamento Macro-Jê, que partilha características tipológicas semelhantes às de outras línguas de mesma afiliação genética, tais como aquelas de cunho (i) fonético-fonológico – no que se refere aos sistemas de sons vocálicos e consonantais; (ii) morfológico – a flexão que indica contiguidade ou não de um determinante a um determinado; (iii) sintático – a ordem constituinte em orações declarativas, entre outras características. O parkatêjê é uma língua SOV, com marcação no núcleo. A morfologia verbal foi descrita por Ferreira (2003) e apresenta alguns aspectos de destaque, tais como:

- (a) Os nomes ocorrem com os sufixos derivacionais **-re** e **-ti**, de diminutivo e de aumentativo, respectivamente. Esses sufixos ocorrem também com os verbos, porém, nesse caso, não fazem referência a tamanho, mas indicam ênfase sobre a ação, apontando para a sua intensidade ou para características do sujeito ou do objeto.
- (b) Os nomes não são flexionados para gênero. O gênero de alguns nomes, porém, pode ser indicado lexicalmente por termos genéricos para homem/macho ou mulher/fêmea, dependendo das circunstâncias.
- (c) Os nomes são marcados pela categoria de caso.
- (d) Raízes nominais podem ser derivadas a partir de itens de outras classes de palavras, por exemplo, verbo e pronome reflexivo, e pelo acréscimo do sufixo nominalizador **-xá** (que ocorre com raízes verbais).

- (e) Da mesma forma, raízes verbais podem ser nominalizadas pelo acréscimo do formativo *katê*.

Os nomes, de uma maneira geral, podem ocorrer com os sufixos derivacionais *-re* e *-ti*, os quais indicam tamanho, pequeno (diminutivo) e grande (aumentativo), respectivamente, podendo codificar outras noções relacionadas a tempo. Em alguns casos, o sufixo *-re* pode indicar ‘magro; fino’ e *-ti* pode indicar ‘gordo; grosso’. Nos termos de parentesco, esses mesmos sufixos assumem uma dimensão cronológica, fazendo contraste entre a indicação de parentes mais velhos e mais novos. Entretanto, a dimensão física prepondera sobre a cronológica, de acordo com as observações de Araújo (em comunicação pessoal). Segundo essa pesquisadora, o Sr. Jack Popjes fazia referência à língua parkatêjê como “o dialeto *-re/-t?*” (do Canela), em razão do uso de tais sufixos na língua. Verifica-se também a ocorrência desses sufixos em kayapó (Mëbëngokre) (anotações pessoais de Borges), em canela-krahô (POPJES; POPJES, 1986) e em suyá (SANTOS, 1997).

A marcação de número em parkatêjê é feita pelo acréscimo do formativo *më* antes dos nomes cujos referentes são [+ humano], enquanto o singular é não-marcado. O formativo *më* também ocorre com certas formas pronominais, indicando suas formas plurais. Em certos contextos, *më* é plural e, em outros, marca o traço [+humano] de determinados nomes.

Inúmeros compostos em parkatêjê são formados a partir de raízes simples e, de acordo com o que fora observado por Araújo (1977), tais nomes podem constituir-se de itens lexicais pertencentes à mesma ou a diferentes classes de palavras. A análise de Araújo, embora cuidadosa, difere da presente análise no que diz respeito à consideração de aspectos distribucionais e estruturais de outras classes de palavras da língua, as quais combinam para a derivação de nomes por meio de composição e de outros critérios a seguir explicitados, especificamente, a de nomes compostos em que um deles parece funcionar como um classificador. Na verdade, essa autora os trata como morfemas derivacionais, e não como classificadores.

Observa-se que, do ponto de vista semântico, o significado do nome composto não se reduz à simples soma dos itens lexicais que o constituem. Em geral, os compostos apresentam um significado distinto daquele de seus itens constituintes. Há ainda outro critério, que se relaciona ao padrão acentual: em geral, nomes compostos apresentam um padrão acentual típico de raízes simples.

A estrutura interna de nomes compostos segue os esquemas explicitados abaixo:

(1) **nome + nome = que ocorre como uma construção genitiva**

pakre ‘canoa’ *lit.* ‘pau com buraco’
 par ‘pau’ + kre ‘buraco’

(2) **nome + descritivo = que ocorre à semelhança de um sintagma nominal**

kônkrire ‘lagoa’ *lit.* ‘água pequena’
 água-pequena

Araújo (1989) cita os nomes formados por composição de elementos de mesma ou de diferentes categorias gramaticais por meio do acréscimo dos sufixos derivacionais **-xà** e **-katê**. A partir do acréscimo desses sufixos, nomes são formados. O primeiro elemento, **-xà**, combina-se com raízes verbais para designar o objeto com o qual se pratica a noção expressa pelo verbo, como nos exemplos abaixo:

(3) **(nome) + verbo + -xà**

- a. pâr-kupu-xà ‘sapato’
 pé-enrolar-Nom
 b. amjipupun-xà ‘espelho’
 REFL-ver-Nom
 c. kapõn-x ‘vassoura’
 varrer-Nom

Já o sufixo derivacional **-katê** combina-se com nomes para indicar o agente da noção que o verbo expressa, ou que se pode deduzir do nome ao qual se agrega, conforme os exemplos abaixo:

(4) **nome + sufixo agentivo**

- a. ropkatê ‘caçador de onça’
cachorro-caçador
- b. kôtajkatê ‘colhedor de cupuaçu’ lit. ‘caçador de cupuaçu’
cupuaçu-caçador

Os nomes próprios em parkatêjê são compostos e seguem os padrões acima detalhados, tendo ainda como característica particular o fato de serem nomes não-possuíveis. Tradicionalmente o nomeador escolhe uma característica de seu próprio caráter ou comportamento com a qual chamará seu nomeado. Alguns exemplos são apresentados a seguir:

- (5) Amríkupati ‘aquele que é corajoso’ lit. ‘não há medo’
NEG.EX-ter.medo
- (6) Kupẽjipokre ‘aquele que gosta de estar no meio dos não-índios’
não.índio-estar.no.meio-Dim’

3 Descrição das construções nominais em parkatêjê

Existe em parkatêjê um conjunto de nomes inalienáveis, referentes a partes de um corpo, que ocorrem como parte de compostos para indicar características relacionadas à forma, textura, espessura, entre outros aspectos. Alguns nomes não relacionados a partes corporais também são observados nas mesmas situações – por exemplo, farinha, *xóm*, em Parkatêjê, é um deles. Não se pode afirmar, porém, quanto à natureza do nome correspondente ao termo farinha, no sentido de dizer se está gramaticalizado ou não, como se referindo a ‘pó’ ou ‘material granulado’.

Considerando-se o que a literatura especializada tem assumido acerca das construções classificatórias e dos sistemas de classificadores – Allan (1977); Craig (1986); Mithun (1986) e Aikhenvald (2000), entre outros – verifica-se que a língua parkatêjê, diferentemente da panará (DOURADO, 2001) e da karirí (Rodrigues, 1999), não apresenta um sistema de classificadores nos termos que é encontrado nessas línguas.

Para Ribeiro (2000), o karajá apresenta um tipo de incorporação nominal classificatória, isto é, termos de partes do corpo funcionam ordinariamente como termos de medida, do tipo “cabeça”; “olho”; “barriga”, entre outros. Para Amado; Silva (2008), o pykobiê é uma língua em que existem incorporações por meio de termos de classe.

Em panará, há classificadores, todavia Dourado (2001, p. 206) separa classificadores propriamente ditos dos chamados termos de classe, os quais correspondem ao nível básico de categorização, tendo uma função semelhante à dos classificadores, porém em nível lexical. Já Siqueira (2009, p. 66) descreve em akwe-xerente nomes inalienáveis (referentes a partes de um corpo) em função classificadora. Siqueira questiona se tais nomes estão se lexicalizando, uma vez que, ao constituírem os compostos, esses nomes “perdem seu sentido primitivo” relacionado a partes do corpo.

De acordo com Aikhenvald (2000, p. 86), é geralmente uma tarefa árdua decidir se uma língua estabeleceu um sistema nominal de classificadores ou se ela somente apresenta um mecanismo que consiste em emparelhar nomes genéricos e nomes específicos. Esse último parece ser o mecanismo da língua parkatêjê, a qual apresenta um conjunto de termos que funcionam como formativos classificatórios, constituídos de basicamente uma sílaba, que se combinam com outras raízes nominais formando compostos do tipo nome específico mais nome genérico na língua, que resulta em um nome mais específico que o primeiro. São os compostos lexicais.

Os nomes que funcionam como referência de características do tipo tamanho, forma e espessura fazem parte de um grupo semântico, cujos traços comuns podem ser definidos pelas propriedades físicas a

eles atribuídas. Nesse caso, o povo tomou como referência nomes de partes de um corpo, sendo, portanto, usados como metáforas, de acordo com a hipótese apresentada na introdução do presente trabalho. Esses nomes são restritos a poucos campos lexicais, o que os diferencia de classificadores nominais que cobrem mais extensivamente o léxico. Tais nomes poderiam recair na classificação de termos de classe, os quais não constituem uma construção sintática do mesmo modo que construções com classificadores nominais, já que os primeiros são basicamente exemplos de um tipo de composição lexical. Morfossintaticamente, entre outras características, ocorrem como núcleos de predicados verbais, e alguns deles podem ser incorporados em uma raiz verbal. Ao ocorrerem em combinação com outros nomes, fornecem a estes traços semânticos ligados ou definidos pelas características físicas presentes em seu conteúdo nocional, perdendo seu significado primeiro.

Os termos de classe constituem uma categoria que ocorre como núcleo de nomes compostos com função classificatória em nível lexical, já que esses não apresentam a mesma extensão de uso do que se denominam classificadores propriamente ditos.

Alguns exemplos dos termos de classe em parkatêjê são:

Tabela 1: Termos de classe em parkatêjê

Termos de classe	Composto	Glossa	Tradução
kà 'invólucro'	parkà	pau-invólucro	casca de árvore
	pàrkà	pé-invólucro	sapato
	i-kà	1s-invólucro	minha pele
hò 'folha'	parhò	pau-folha	folha (genérico)
	rõtihò	babaçu-folha	folha de babaçu
	pyhò	urucum-folha	folha de urucum
hy 'semente'	pàrxôhy	castanha-semente	castanha-do-Pará
	katôkhy	espingarda-semente	bala
	pôhy	milho-semente	milho
krã 'cabeça'	aprykrã	-cabeça	peteca
	kaxâtkrã	algodão-cabeça	novelo de linha
xôm 'farinha'	kwÿrxôm	mandioca-pó	farinha
	kapamxôm	arcia-pó	arcia

hī 'osso'	i-krathī	1s-tronco-osso	minha bacia
	i-katuthi	1s-costas-osso	minha coluna vertebral
hī 'carne'	wajī	dente-carne	Gengiva
kô 'líquido'	jarkô	boca-água	Saliva

Para Aikhenvald (2000, p. 86), a composição de nomes envolvendo nomes genéricos-específicos pode ser comparada a componentes derivacionais em classes nominais tais como *berry* em inglês – *strawberry*, *blackberry*, tendo em vista sua produtividade limitada, seu alto grau de lexicalização e o fato de eles serem restritos a uma classe fechada de raízes nominais. Por tais razões, esses termos não devem ser considerados como parte de um sistema de classificação. Além disso, Aikhenvald (2000) afirma que um critério fundamental para decidir se determinado sistema é de classificadores ou de termos de classe deve ser o de verificar o quão obrigatório são os nomes genéricos (ou termos de classe, de acordo com a terminologia usada por Dourado (2001)), e se possível formular regras explícitas para a sua omissão. Com base em Aikhenvald (2000), pode-se afirmar que em parkatêjê esses termos são obrigatórios, não sendo possível omiti-los sem prejuízo para o significado dos compostos em que eles tomam parte.

Termos referentes a nomes de filhotes de animais apresentam diferenças que podem ser interpretadas como uma classificação particular da cultura a que pertence a língua parkatêjê. Tais conjuntos diferem-se da visão ocidental, em que se verificam divisões como mamíferos, anfíbios, aves etc. Esses termos parecem fazer parte do inventário de nomes de um sistema de classificação do reino animal. Nesse conjunto há subconjuntos em que se agrupam nomes de animais muito diferentes a partir da denominação atribuída aos seus filhotes. Deste modo, *kra* pode referir-se a filho (pequeno) de seres humanos, mas também a filhotes de cachorro, jacaré e cobra, entre outros.

Alguns desses termos são os que seguem abaixo:

- a) **Päimre** – kra (paca), kuginère (cotia), tôn (tatu), rop (onça);

- b) **Kra** – rop (cachorro), mire (jacaré), kahã (cobra); rôti (cobra d'água); tyryhòkuti (cobra-papagaio); kahã teteti (cobra verde); pàtäre (preguiça); pàtäre krutüre (tamanduá-bandeira); pàtäre katut xêtere (preguiça bentinho); kukryt (anta); jaxy (veado); karâyre (veado-branco); jaxy kâhàkre (bode); wakõ (quatí); mpokôti (boi); mpokôti kâhàkre (jumento); kroti (mucura); pyp (poraquê);
- c) **Krâjakôtôre** – krô (porco); krôre (caititu); krôjapure (porco-de-casa);
- d) **Rôre** – kupyrt (guariba); kukoij (macaco); pythàk (macaco-cuxiu); kukoijmpelj (macaco quinze quilos); xànre (macaco mão-de-ouro); xêpre (morcego);
- e) **Ntôre** - pytêkti (mutum); pan (arara); âhãre (galinha); mpopàrpoti (pato); pânhàkti (arara azul); pânare (ararinha); kryiti (papagaio); kryirepakre (papagaio preto); kékêtere (periquito); kahejti (curica);
- f) **Titôre** – hàk (gavião);
- g) **Raimre** – krytyti (traíra); tepkratikymântoti (tucunaré); hire (mandi pequeno); hiti (mandi maior); kràti (peixe-sabão); tepepeiti (peixe-pedra); tepxwajapieti (peixe-cachorro); pàrkàti (acari).

4 Conclusões

A língua parkatêjê conta com nomes formados pelos processos de derivação e de composição. Nessa língua nomes podem ser derivados pelo acréscimo de sufixos como **-re**, **-ti**, **-katê**, **-xà**, entre outros. Nomes compostos são formados pela combinação de nomes com nomes e de nomes com descritivos. Um tipo de combinação de nomes com nomes envolve a junção de nomes em que o modificador pertence, semanticamente, à classe de partes do corpo ou à classe de noções culturais como farinha, por exemplo. Nessa situação, esses compostos ocorrem como combinações de nomes em um *continuum* genérico-específico, indicando características dos objetos nomeados. Por exemplo: **kaxàtkrã** é formado a partir de **kaxàt** 'linha de algodão' e **krã**

‘cabeça’, logo a palavra composta é novelo de linha de algodão, o qual é arredondado como uma cabeça. Observa-se que, ao integrar o composto, o nome entra com a menção à forma do significado primitivo, perdendo, todavia, esse significado primeiro de ‘cabeça’. O que permanece é a referência à forma arredondada. Em outras construções, verifica-se que nomes inalienáveis não figuram sem seu possuidor expresso, mas, no caso dos compostos nominais, esses inalienáveis não necessitam da posse. Tais compostos podem ocorrer como núcleos de sintagmas nominais. Trata-se, pois, de uma forma de composição em que aqueles nomes, relacionados a partes do corpo, servem como referência para indicar medidas e formas a outros nomes e cujo resultado é a constituição de termos mais específicos após a combinação.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. Y. **Classifiers**: a typology of noun categorization devices. Oxford: Oxford University, 2000.
- ALLAN, K. Classifiers. **Language**, v. 53, p. 285-311, 1977
- AMADO, R. S.; SILVA, T. R. Estudando em “termos” a língua indígena Pykobiê Gavião. **Revista Guavira-Letras**, v. 1, n. 08, mar.-jun., 2008.
- ARAÚJO, L. M. S. **Semântica gerativa da língua gavião-jê**. 1977. 146f. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1977.
- ARAUJO, L. M. S. **Aspectos da língua gavião-jê**. Rio de Janeiro. 1989. 183f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.
- CRAIG, C. **Typological studies in language 7**. Philadelphia: John Benjamins, 1986.
- DOURADO, L. **Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê)**. Campinas. 2001. 240f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

FERREIRA, M. de N. de O. **Morfossintaxe da língua Parkatêjê**. Campinas, 2003. 276f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

LANGACKER, E. W. A study in unified diversity: english and mixtec locatives. In: ENFIELD, N. J. (Ed.). **Ethnosyntax**: explorations in grammar and culture. New York: Oxford University, 2002.

LYONS, J. **Semântica**. Lisboa: Presença/São Paulo: Martins Fontes, 1977. v. 1.

MITHUN, M. The convergence of noun classification system. In CRAIG, C. (Ed.). **Noun classes and categorization**. Philadelphia: John Benjamins, 1986.

POPJES, J.; POPJES, J.; Canela-Krahô. In: DERBYSHIRE, D.; PULLUM, G. (Ed.). **Handbook of amazonian languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. v. 1

RIBEIRO, E. R. **Valence, voice and noun incorporation in Karajá**. Manuscrito, 2000.

RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A.Y. (Ed.) **Amazonian languages**. Cambridge: Cambridge University, 1999.

SANTOS, L. C. **Descrição de aspectos morfossintáticos da língua Suyá (Kisêdjê) família Jê**. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SIQUEIRA, K. M. F. Nomes de partes em função classificadora: âmbito de análise do sistema de classificação nominal Akwe-Xerente. **Revista Via Litterae**, v. 1, n. 1, ago.-dez., 2009.

Recebido em janeiro de 2011.

Aceito em maio de 2011.

SOBRE A AUTORA

MARÍLIA DE NAZARÉ FERREIRA-SILVA é doutora em Linguística na área de Linguística Antropológica (UNICAMP e La Trobe University, Austrália, 2003). Atualmente é professora do Instituto de Letras e Comunicação, vinculada à Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordena projetos de pesquisa sobre a descrição de línguas indígenas, dentre os quais, "Keeping the Talking Forests Alive: Documenting the Amazonian Oral Traditions" e "Descrição de aspectos fonético-fonológicos, lexicais e morfossintáticos da língua Kyjkatêjê". Suas principais áreas de interesse são Teoria e Análise Linguística, Descrição de línguas indígenas amazônicas com ênfase em Morfossintaxe, Tipologia linguística, Sociolinguística, Descrição de Narrativas Orais e Descrição e ensino de língua portuguesa.
E-mail: mariliaferreira1@gmail.com